

Transitividade: produzindo rizoma em meio a Winnicott, Guattari e Deleuze¹

Frank Rico*

Resumo: O objetivo deste trabalho é articular epistemologicamente os ensinamentos clínicos de Donald Winnicott e pensamento filosófico de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Aborda especificamente os pontos de intersecção entre o conceito do transicional e o agenciamento maquínico, com base na hipótese de trabalho de uma referência comum para o problema da produção transitiva de sinais, que se desdobra em meio a um mesmo plano de imanência, no qual operam compositivamente uma multiplicidade de elementos para a formação consistente de sistemas acentrados e mutáveis. Para este exercício, se recorre especialmente ao artigo do psicanalista inglês: “objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1951/2008b), publicado na edição póstuma de *O brincar e a realidade* (1971/2008a), bem como ao escrito dos filósofos franceses “Rizoma”, publicado em *Mil Platôs* (1980/2006).

Palavras-chave: transitividade; transicional; agenciamento maquínico; epistemologia psicanalítica; pesquisa clínica psicossocial.

Abstract: The purpose of this paper is to epistemologically articulate the clinical teachings of Donald Winnicott and philosophical thought of Félix Guattari and Gilles Deleuze. It specifically addresses the points of interception between the concept of the transitional and the machinic assemblage, based on the working hypothesis of a common reference to the transitive production of signs, that unfolds in the midst of one plane of immanence in which operate compositionally a multiplicity of elements for consistent training of uncentered and mutable systems. For this exercise are used especially the article of English psychoanalyst «Transitional objects and transitional phenomena» (1951/2008b), published in the posthumous edition of *Playing and Reality* (1971/2008a), and the text of French philosophers: «Rhizome», published in *A Thousand Plateaus* (1980/2006).

Keywords: transitivity; transitional; machinic assemblage; psychoanalytic epistemology; psychosocial clinical research.

Resumen: El objetivo de este escrito es articular epistemológicamente las enseñanzas clínicas de Donald Winnicott y el pensamiento filosófico de Félix Guattari y Gilles Deleuze. Aborda específicamente los puntos de intercepción entre el concepto de lo transicional y el de agenciamiento maquínico, con base en la hipótesis de trabajo sobre una referencia común al problema de la

¹ Tradução de Miguel Angel de Barrenechea (UNIRIO) do artigo (publicado em língua espanhola): RICO, Frank (2013) Transitividad. Produciendo rizoma em médio de Winnicott, Guattari y Deleuze. *Psicología & Sociedad*, v.25, n.3, p. 510-518.

* Frank Rico é psicólogo formado pela UDES (Bucaramanga, Colombia), mestre em Investigación psicanalítica pela U. de Antioquia (Medellín, Colombia). Integrante do grupo de pesquisa: Estudios sobre Juventud, da Facultad de Ciencias Sociales y Humanas de la U. de Antioquia. Co-auxiliar docente de Psicología Institucional na Facultad de Psicología da Universidad de Buenos Aires, UBA, onde é doutorando. E-mail: franribar@gmail.com

producción transitiva de signos, que se despliega en medio de un mismo plano de imanencia, en el que operan compositivamente una multiplicidad de elementos para la formación consistente de sistemas acentrados y mutables. Para este ejercicio se recurre especialmente al artículo del psicoanalista inglés: “Objetos transicionales y fenómenos transicionales” (1951/2008b), publicado en la edición póstuma de *La Realidad y el Jugar* (1971/2008a), así como al escrito de los filósofos franceses: “Rizoma”, editado en *Mil Mesetas* (1980/2006).

Palabras-clave: transitividad; transicional; agenciamiento maquínico; epistemología psicoanalítica; investigación clínica psicosocial.

Introduzindo nosso objeto de estudo

Levando em conta que este escrito faz parte de uma investigação doutoral em curso², o objetivo específico para esta ocasião será analisar comparativamente a teoria ontogenética winnicottiana e a teoria ontológica de Deleuze e Guattari com a finalidade de argumentar a existência de um campo comum de problemas, a saber, a explicação do processo de geração de singularidade em meio da multiplicidade de determinantes que compõem a vida mesma. Esse assunto comum constitui para nós uma zona transdisciplinar, de índole epistemológica, no meio da qual é possível estabelecer vínculos entre esses pensadores, para além das aparentes divergências teóricas e dos antagonismos terminológicos.

Metodologicamente é pertinente esclarecer que realizar um exercício de leitura transtextual, como o que aqui está se propondo, não pode ser concebido como o complemento de uma valiosa observação clínica que padeceria de uma observação psicanalítica insuficiente, pelo qual requereria um trabalho de aperfeiçoamento através do pensamento filosófico, para alcançar um nível de maturidade conceitual. Pensar as coisas assim não nos permitiria sair do modelo metafísico de inteligibilidade, porque seria seguir colocando as ideias em estratos hierárquicos, dentro dos quais os conceitos – catalogados como fundamentos –, adquirem o valor de invariáveis universais, que terminam delimitando – sob critérios de autoridade – toda prática disciplinar. Longe disso, nosso proceder consistirá em estabelecer conexões, isto é, em encontrar atravessamentos conceituais entre algumas das ideias inovadoras propostas por este trio

² Este texto é uma apresentação parcial do trabalho realizado para o marco conceitual da investigação doutoral intitulada *Atuar transgressivo e transição adolescente em lares desintegrados e ambientes violentos*, orientada pelo Dr. Dr. Ricardo Rodolfo (Universidad de Buenos Aires, UBA). Tem por objetivo a análise de aproximadamente 40 casos de adolescentes que apresentavam atuação transgressora, os quais eram oriundos de zonas urbanas com altos índices de violência de Medellín, Colômbia, encaminhados por entidades do estado colombiano entre 2009 e 2010.

de pensadores, buscando assim dar conta dos movimentos epistemológicos que tornariam viável tal agenciamento transdisciplinar.

Por conseguinte, parece lícito perguntarmo-nos: em que medida é útil este exercício de articulação epistemológica entre psicanálise e filosofia, que não privilegia nenhuma disciplina sobre a outra, dentro do campo da psicologia social? Acreditamos que é relevante na medida em que a análise filosófica permite compreender como a psicanálise pode descentrar-se de posições puristas que reduzem o espectro de sua analisabilidade, para passar a ser entendido como uma prática que afeta e se deixa afetar pelas demais Ciências Sociais e Humanas que compartilham ou fazem uso do seu objeto de estudo: o inconsciente. Razão pela qual aderimos à concepção não-positivista da ciência, a qual a define como produção de pensamento ou, especificamente em nosso campo, como uma prática de criação de conceitos produtores e produzidos pela análise clínica de fenômenos que se originam no indissociável espaço virtual do psicossocial.

O mapa geral deste escrito parte de algumas considerações prévias que possibilitam a realização de dito exercício, para depois passar a abordar o ensinamento clínico do *transicional* em Winnicott e o pensamento paradoxal em que este se sustenta teoricamente, seguido da apresentação do conceito de agenciamento maquínico de Deleuze e Guattari, assim como do pensamento rizomático em que este se produz. Finalmente, se coloca a tese da transitividade como aspecto transversal nesta tríade de pensadores, assim como uma possível escrita rizomática do transicional que articula algumas premissas epistemológicas (pós-estruturalistas e pós-humanistas) à produção clínica de conceitos úteis para o estudo das problemáticas psicossociais.

Considerações prévias a um possível agenciamento transdisciplinar

Apesar de o filósofo Félix Guattari ter se formado como psicanalista na Escola Freudiana de Paris, se analisado com aquele que a fundou e a encerrou, o psicanalista Jacques Lacan, e exercido a prática clínica com pacientes psiquiátricos em sua nova instituição situada no castelo de La Borde, costuma-se vinculá-lo, e à sua própria fórmula de escrita filosófica, ao professor da Universidade de Paris VIII Gilles Deleuze, com uma suposta aversão à Psicanálise.

Em grande parte, o referido imaginário pode ser efeito da comoção que gerou a sua obra escrita em dupla *O Anti-Édipo*, a qual consta de dois volumes: “Capitalismo e Esquizofrenia” (1972/2010) e “Mil Platôs” (1980/2006). Não obstante, se vencermos este preconceito e o substituímos pela leitura dos textos, será possível compreender

porque estes pensadores declararam que se questionavam tanto a psicanálise, era por que ela lhes interessava muito!

Nossa interpretação da díade *O Anti-Édipo* permite compreender que a análise destes filósofos não se reduziu a uma luta especular com a Psicanálise (mesmo que o primeiro volume quase leve uma dedicatória a esta e ao marxismo), mas que para além desta aparência, focaram-se no paradigma metafísico a partir do qual se tem pensado tradicionalmente a constituição do sujeito e da subjetividade (assunto que está colocado de melhor forma no segundo volume). No seu entender, o termo (complexo de) Édipo carrega este traço epistêmico, tal como todas as interpretações teóricas pós-freudianas que o valorizam como um conceito universal que fundamenta toda prática clínica concebida como verbal, individual e privada.

Portanto, neste escrito partimos da diferenciação entre o rumor sobre a suposta inimizade de Guattari e Deleuze com a Psicanálise (que não existe, enquanto unidade), e do seu real interesse por rever epistemologicamente as ciências encarregadas de ter levado a cabo o giro lingüístico que teve o seu apogeu epistêmico durante a primeira metade do Século XX. Esta empresa lhes permitiu transladar a revisão a outras disciplinas, como a lingüística, a informática, a lógica e, especialmente, as ciências sociais e humanas. Razão pela qual nossa postura nessa questão é que se a dupla de filósofos questionou alguma coisa, foi a todo tipo de concepção teórica que forma parte do paradigma metafísico, binário e mecanicista em que se fundamentou o racionalismo desde a Grécia Antiga até a Modernidade.

Neste sentido é que entendemos que o seu interesse não foi questionar o pensamento clínico, no qual se sustenta a produção conceitual psicanalítica, mas propor uma revisão crítica – no sentido kantiano do termo (Deleuze § Guattari, 1972, p.81) – sobre os usos ilegítimos das sínteses do inconsciente que operam no plano do real, isto é, sobre os processos de produção desejante que acontecem para além das estruturas simbólicas significantes. De fato, neste escrito sustentamos como hipótese de trabalho a ideia de que a ética e a política que se derivam da ontologia deste par de pensadores franceses, permite repensar a clínica analítica, para compreendê-la já não somente como pertencente de forma exclusiva ao campo psi, mas, ao contrário, como uma semiótica pragmática adequada para abordar o inconsciente como um corpo inorgânico que se derrama no meio da multiplicidade de segmentos que compõem a realidade.

Nossa leitura sobre o ensino de Donald W. Winnicott é que sua descoberta sobre o transicional vai além, sem negá-la, da compreensão da estrutura e da dinâmica do

aparelho psíquico que Freud elaborou através do estudo de fenômenos derivados do complexo de Édipo. Por sua vez, Winnicott colocou ontogeneticamente o espaço transicional (graças a sua formação pediátrica que lhe permitiu a observação direta de neonatos) em um momento originário ou pré-primário. Por isso pensamos que seu objeto está para além das análises sobre a adolescência e a infância realizados por Anna Freud, e inclusive da teorização da clínica infantil efetuada por Melanie Klein. Afirmamos que a ideia do inglês é revolucionária, na medida em que as mencionadas orientações teóricas psicanalíticas aplicavam – e continuam aplicando – de maneira forçosa os conhecimentos extraídos pela análise de neuróticos adultos à investigação clínica de objetos de estudo específicos e diversos, como: o infantil, a adolescência, a delinqüência, as psicoses, a formação social e até a mesma cultura, por mencionar alguns campos de problemas que ultrapassam os limites individuais do edipianismo e que fazem pensar em um modelo relacional ou compositivo.

Diferentemente, nos ensinamentos do pediatra e psicanalista inglês constatamos a materialidade de termos conceituais criados a partir de fenômenos clínicos analisados no mesmo momento em que acontecem. Portanto, embora saibamos que o complexo de Édipo, e a metapsicologia que dele se depreende, não estão ausentes nos ensinamentos de Winnicott, preferimos pensar que estes temas funcionam como implicações institucionais do autor que, como costuma acontecer, acabam expressando-se na teorização e nas práticas pessoais, deturpando assim o trabalho criativo do autor como forjador de conceitos (Kahr, 1996/1999, p. 79-91, 109-143). Não obstante, neste artigo sustentamos como hipótese de trabalho que o mais original do seu pensamento, o transicional, não depende dos dogmas tradicionais da psicanálise. Ao contrário, acreditamos que o seu aporte é suficientemente original para abrir linhas investigativas que permitam a produção conceitual de novas formas de fazer uso do pensamento psicanalítico.

Contando já com este preâmbulo sobre a obra dos três autores, podemos passar agora a abordar os conceitos selecionados para este exercício.

O transicional e o pensamento paradoxal

Para iniciar retomaremos o proceder rizomático proposto pelos filósofos franceses (Deleuze & Guattari, 1980/2006, p. 10) com o fim de determo-nos a pensar: com o quê funciona o texto de Winnicott? (1951/2008b, 1971/2008a, p.19), isto é: em

conexão com o quê faz passar intensidades? E: em quais multiplicidades introduz e metamorfoseia a sua?

Ao largo do escrito, sobressai a postura crítica do autor frente ao paradigma racionalista, que partiu do binarismo ideia-percepção para distinguir dois planos ontológicos, a saber, entre a realidade interna e o mundo externo (Winnicott, 1971/2008a, p.19). Com o objetivo de sair deste paralelismo cartesiano, o pediatra e psicanalista inglês – inspirado no que há de mais inovador na psicanálise – produz um modelo explicativo de fenômenos que, no seu entender, não distinguem estritamente o material do dialético, pelo qual fazem uso de uma lógica de tensão entre opostos que não termina sintetizando-se completamente, conservando no produto do processo partes de um plano e do outro, sem reduzir assim o objeto produzido a nenhum elemento constituinte em particular.

Desta maneira, Winnicott manteve a intenção de afastar-se da lógica clássica ou simbólica, para permanecer no terceiro que até esse momento tinha sido excluído do conhecimento racionalmente válido – o que para ele seria o aporte mais valioso da psicanálise –, a saber, o pensamento paradoxal ou da contradição, que é o protótipo do inconsciente. Precisamente, manter o seu enfoque entre os dois primeiros momentos da lógica dialética, sem chegar a formular uma síntese, lhe permitiu conceber a possibilidade de um terceiro plano ou de uma zona intermédia entre o objetivo e o subjetivo que, embora hologramática, não é menos importante para o indivíduo e a cultura (1971/2008a, p. 19-32).

Com relação ao corpo teórico psicanalítico, podemos ver um Winnicott que fala com o Freud de *O Eu e o Id* (1923), assim como com a Klein (1940) da posição depressiva (Winnicott, 1971/2008a, p. 27). Contudo, de forma coerente com suas coordenadas epistemológicas, se esforça em diferenciar o objeto transicional do objeto interno e do externo. Precisamente nos coloca no momento teórico do surgimento do psiquismo, em uma fase em que os fragmentos incorporados do objeto coincidem ou se superpõem com as percepções parciais que o bebê faz deste. Razão pela qual nesta zona intermédia não é possível estabelecer qualquer distinção entre um e outro. Neste sentido, fala de um estado de transição que ontogeneticamente se desloca do domínio mágico onipotente, à gradual – e nunca acabada – instauração da prova de realidade (Winnicott, 1971/2008a, pp. 27-31).

Para propiciar a compreensão do seu mais produtivo achado clínico, na “Introdução” a *O brincar e a realidade* utilizou como ilustração de sua concepção do

transicional a ideia essencial da doutrina teológica da transubstanciação, com a finalidade de permitir compreender a natureza literal e imediata dos fenômenos e objetos produzidos na referida zona intermédia, em contraste com a natureza propriamente metafórica do símbolo (1971/2008a, p. 13). De forma análoga, nesta passagem do texto faz referência aos poetas barrocos, como John Donne (1572-1631), que se propuseram a escrever sobre paradoxos da experiência humana através do oximoro, como meio de expressão da indissolúvel relação entre pares antitéticos como: corpo-alma, emoção-pensamento e vida-morte entre outras inquietações existenciais (1971/2008a, p. 13).

Estes nexos intertextuais nos permitem pensar que o interesse investigativo do psicanalista inglês não se centrou no funcionamento simbólico da representação, tal como vinham fazendo os seus colegas desde Freud, mas, ao contrário, no estudo da substância da ilusão, isto é, a zona intermédia em que se produzem os objetos e os fenômenos transicionais (1971/2008a, pp. 28, 30). Neste sentido, resulta lícito sustentar que Winnicott se ocupou da análise dos cimentos emocionais sobre os quais se desenvolve a construção de experiências significativas através da imaginação criativa. Isso o levou a destacar a função construtiva e o substrato material e emocional da fantasia nesta fase prévia a sua constituição, dando assim conta da necessidade do espaço transicional e da ilusão nas operações semióticas originárias que, somente em um nível ontogenético e dinâmico posterior, produzirão a instauração a diferenciação-mediação entre o simbólico e o simbolizado (1971/2008a, p. 27-28).

Realmente é muito interessante que levemos em conta isso, já que para Winnicott foi algo crucial. É por isso que podemos ver como até o final de sua vida expressou sua insegurança no uso da teoria psicanalítica tradicional para colocar conceitualmente seus aportes clínicos (1971, p. 32). Não é a toa voltou em várias ocasiões sobre seu escrito original de 1951 (1951/2008b), para esclarecer aos colegas que seu ensino não enfatiza o objeto como tal, nem a representação que a pessoa faz deste mas, precisamente, o mesmo substantivo: transicional. O qual denota um estado ilimitado, no qual as fantasias estão fusionadas com as percepções do mundo externo e dos seus objetos. Ressaltando assim que o crucial do seu aporte clínico-teórico está no uso que um indivíduo possa ou não fazer desta zona intermédia (1971/2008a, pp. 13, 33) para a criação de si mesmo a partir de certas condições materiais e em meio aos outros indivíduos.

Talvez uma das consequências mais relevantes do reposicionamento da psicanálise provocado por Winnicott, é a passagem da teoria das relações objetais – na qual a referência ao externo finalmente se reduz a uma concepção solipsista do desenvolvimento psíquico – a um modelo vincular pré-individual que permite apreender a natureza plural-singular do humano (1971/2008a, p. 31). Portanto, falamos de uma plataforma conceitual que remete a pensar não na relação estrutural o entre elementos constituídos e diferenciados mas, diferentemente, na sua indissolúvel conexão. Da mesma maneira que na informática se pensa como um enlace virtual (*link*) entre elementos contidos em diversas localizações topográficas.

Nesta ordem de ideias, torna-se mais compreensível por que Winnicott concebeu o si mesmo (*self*) como criação de uma ilusão de unidade (espaço) e de continuidade (tempo) que permite o sentimento do duplo nexos do indivíduo, tanto com o somático – determinado pelo fisiológico e pela evolução biológica – como com o cultural – determinado geográfica, histórica e socialmente. Por isso, adquire sentido o fato de que tenha pensado a cultura também como efeito do processo criativo que se leva a cabo no dito espaço transicional, no meio do qual se geram as raízes de um *self* realmente indiferenciado do mundo externo. Portanto, desde esta perspectiva teórica os fenômenos transicionais se estendem ao social, vinculando no que há de mais íntimo o indivíduo com a heterogeneidade de fatores – simbólicos e materiais – que compõem seu ambiente (como por exemplo as condições objetivas em que se desenvolve a história individual, a história de cada um dos pais e da relação parental, a configuração e estados de funcionamento do lar, as tradições familiares, os códigos da comunidade da que faz parte essa família, as convenções institucionais pelas que transita o sujeito, as condições políticas e econômicas do seu contexto, assim como as produções culturais às quais este pode aceder, etc.). Fragmentos da realidade a partir dos quais se compõe o *self* (ficção/função individual), na maneira de uma *collage* (Winnicott, 1966/2011b, p. 128, 1970/2009c, 1970/2009d, 1971/2008a, p. 32).

Os agenciamentos maquínicos e o pensamento rizomático

Para abordar o texto “Rizoma”, escrito por Deleuze e Guattari (1980/2006), retomaremos o mesmo trio de perguntas que colocamos a propósito do escrito winnicottiano, a saber: como funciona este texto? Com que multiplicidades estabelece conexão? E em que se transforma ao incorporá-las?

Desde o início de sua sociedade com o pensamento, foi evidente a vontade dos autores de fazer uso da escrita como meio de fuga (Dosse, 2007/2009), isto é, para descentrar-se do paradigma estruturalista a partir do qual se desenvolveu a história do pensamento ocidental (Deleuze & Guattari, 1972/2010).

Esse paradigma chegou a ser hegemônico no meio intelectual europeu na metade do século passado e, inclusive, ainda continua sendo em alguns setores acadêmicos tradicionalistas da América Latina.

De maneira explícita os pensadores franceses tomaram como objeto de análise o modelo estruturalista da lingüística, a programação da informática baseada na lógica binária, assim como a psicanálise tradicional que se apóia em um modelo adaptacionista do desenvolvimento linear da personalidade e a psicanálise formalmente estruturalista que, embora não evolutivo, continua sendo teleológico ao conceber metafisicamente a constituição do sujeito dentro de uma bela interioridade transcendente (1980/2006, pp. 11-13).

Portanto, mais do que oferecer indicações metodológicas para a escrita, eles colocaram uma série de reflexões críticas que chegam a adquirir o valor de considerações epistemológicas, indispensáveis na hora de empreender alguma análise de fenômenos humanos. Contudo, sustentam que o uso de suas reflexões não deveria ser o de um molde para reproduzir (metodologia, mas, diferentemente, o de uma máquina de guerra que cria linhas de fuga para escapar ao reducionismo teórico e ao enclausuramento disciplinar, isto é, para diferenciar e cartografar novas articulações que tornem possível a produção do pensamento (1980/2006, p. 11, 14-15, 22).

Segundo a nossa leitura, a ideia principal de “Rizoma” se condensa no termo de agenciamento maquínico (1980/2006, p. 10, 14). Para apreender o conteúdo deste conceito é necessário deslocarmos o paradigma clássico que estabelece diferenças entre objeto e sujeito, entre o Uno e o Múltiplo. Ou seja, situarmo-nos na multiplicidade das sombras que se geram entre as dobras – aparentemente – paralelas dentro de um campo de imanência. Desde este ponto de vista, agenciamento remete então à junção ou conexão entre os elementos que constituem um sistema acentrado e mutável, no meio de uma mesma e única dimensão plana ou lisa no meio da qual acontece a realidade da vida.

A dupla de filósofos franceses coloca duas grandes dimensões ontológicas no meio das quais se dá a produção subjetiva: o plano de desenvolvimento ou organização e o plano de imanência e/ou consistência. O primeiro, mais planejamento do que plano,

é transcendente, isto é, é considerado como um apêndice ou artifício que se ordena hierárquica ou verticalmente através de segmentos e estratos intercomunicados que conformam linhas de articulação, pelas quais se transmitem fluxos densos a baixas velocidades, formando assim uma estrutura que tende a permanecer estática. Em contraste, no plano de imanência operam – numa mesma dimensão transversal ou horizontal – diversas linhas que desestratificam os territórios constituídos, na maneira de um corpo sem órgãos composto por linhas de fuga que transmitem indiferenciadamente fluxos de intensidades, dissolvidos e em constante movimento (1980/2006, pp. 9-10).

Enquanto no plano orgânico a unidade se garante por um funcionamento sólido, a partir do qual se desenvolve a articulação ascendente entre estratos, no plano de imanência coexistem multiplicidades dentro de um mesmo e único corpo sem órgãos. As quais o par de autores pensam como segmentos de realidade que, no meio da multiplicidade do plano de imanência, se interceptam entre si formando singularidades através de pontos consistência que se traçam em perspectiva (1980/2006, pp. 11-13).

Em decorrência disso, as conexões que se gestam no plano de imanência não se produzem genealógica nem estruturalmente (1980/2006, pp. 16-17). Como não existe Uno que atue como fundamento ou centro, senão multiplicidades genéricas, o passado não é necessariamente um destino que determine iniludivelmente o futuro, nem individual nem coletivamente falando. Ao contrario, na imanência assistimos ao movimento constante de recomposição de uns nexos que se estabelecem de maneira impessoal, com o fora. Portanto, o acontecimento – que é sempre atual – não pode não afetar os registros semióticos inscritos na memória, metamorfoseando assim o passado, devindo de outra forma a partir da experiência, mas também produz variáveis inéditas que se agregam à equação genética, variando radicalmente – em determinado momento e sob certas circunstâncias – a tendência estrutural que trazia até esse momento o processo de formação subjetiva.

Precisamente, o método que a dupla de filósofos desenvolveu na sua escrita rizomática consiste em descentrar-se dos fundamentos conceituais e das reduções disciplinares, para seguir ditas linhas de fuga na sua perspectiva e produzir modulações que estabeleçam consistência de outra maneira. Em outras palavras, propõem um proceder exogâmico que se abra ao encontro com a heterogeneidade do fora. Neste sentido, o pensamento rizomático remete à produção itinerante de sistemas acentrados, cujos elementos não estão sujeitos a posições fixas, por isso podem ser modificáveis,

mutáveis, substituídos e até suprimidos (1980/2006, pp. 22- 23). Consequentemente, as categorias teóricas não respondem aqui a leis estruturais de combinação, universais e absolutas, nas quais um significante toma o papel do amo através de estratégias de poder, mas a recortes de estados de coisas, isto é, a realidades determinadas pelo tempo e o espaço nas quais se desenvolve a sua existência.

O pensamento rizomático, ou de *em meio a*, permite cogitar então o enlace entre elementos heterogêneos que dialogam entre si formando pontos de consistência, que não são de natureza significativa nem representacional mas virtual. Elementos pensados como singularidades que não somente respondem à linguagem e ao acontecer intrapsíquico mas, aliás, remetem a elos semióticos, sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais, tantos semânticos como pragmáticos, que ao interceptar-se entre si produzem a rede a partir da qual se estabelece um fenômeno subjetivo. Por isso, desde esta perspectiva epistemológica um objeto de estudo psicossocial está composto indissolúvelmente por micro agenciamentos maquínicos de desejo que, por sua vez, estão atravessados por macro agenciamentos coletivos de enunciação (1980/2006, p. 13). Isso inverte a pirâmide da psicanálise tradicional que coloca, mediante sublimação, o sociocultural em uma posição hierárquica ou de meta dentro do desenvolvimento ou da estruturação psíquica, para passar a colocá-lo como parte de segmentos parciais da realidade que precedem às vicissitudes da história subjetiva e que operam pulsionalmente desde o grau mais elementar da produção desejante (Guattari, 1989/1996).

Portanto, se tem-se que falar de sujeito e de subjetividade, desde este ponto de vista ontológico, haverá que partir necessariamente do conceito angular de produção e da consideração do ser impessoal que se produz constantemente a partir das ligações e desconexões que se geram no interior do devir imanente da vida mesma.

O transversal no pensamento de Winnicott, Guattari e Deleuze

A partir das análises parciais que elaboramos até o momento, passaremos a argumentar sobre a transversalidade problemática entre o conceito winnicottiano do transicional e o conceito de agenciamento maquínico de Guattari e Deleuze. À corroboração desta hipótese de trabalho temos chegado ao encontrar a transitividade como referência comum entre ditos pensadores. Seguindo a ideia de Deleuze e Guattari sobre a necessidade de “expressões inexatas para designar algo exatamente” (1980, p. 25), neste texto entenderemos de maneira específica por transitividade a capacidade que

tem um objeto transicional de complementar-se, isto é, de estar contido em e conter outros objetos do mundo, muito antes de que chegue a representá-los e ainda quando já possa expressá-los.

Em Winnicott (1971/2008a) esta ideia é evidente na sua inspiração – implícita mas recorrente – no vitalismo a partir do qual Henri Bergson (1907/2007) concebeu a criação, enquanto em Deleuze (1984/2012) se encontra presente especificamente nos seus estudos ético-políticos sobre o vitalismo de Baruch Spinoza (1677/1980). Não obstante, para levar a cabo legitimamente este agenciamento transdisciplinar, necessitamos realizar determinadas escolhas epistemológicas.

Isso nos leva a deixar de lado as implicações institucionais que se podem encontrar em certas passagens dos ensinamentos de Winnicott, isto é, a realizar uma análise rizomática sobre sua produção clínico-teórica, com o fim de extrair a ideia molecular na qual se sustenta seu pensamento mais produtivo.

Fazer essa desconstrução exige checar nas teorizações do psicanalista inglês: (a) o enfoque genealógico que leva a conceber o transicional como o passo evolutivo de um estado 0 a um estágio 1, conseqüência de tal transição, a partir da qual se consolida a unidade como base para um posterior desenvolvimento progressivo-regressivo. E (b) exige descentrarmo-nos do enfoque estruturalista que leva a colocar os traumas emocionais da infância como pontos de fixação ou de detenção do desenvolvimento que necessariamente determinam a estruturação da personalidade ou o futuro caráter do indivíduo, como por exemplo se evidencia nos casos de tendência antissocial (Winnicott, 1984/2011a). Neste sentido, resulta útil seguir a esquizoanálise e rejeitar “qualquer ideia de fatalidade decalcada, seja qual for o nome que se lhe dê, divina, anagógica³, histórica, econômica, estrutural, hereditária ou sintagmática”, para colocarmo-nos na natureza produtiva do devir imanente que se sustenta sob a lógica da repetição da diferença (Deleuze & Guattari, 1980/2006, p. 18).

Por conseguinte, neste escrito propomos a equivalência epistemológica entre a zona intermédia, a que remete o conceito do transicional, e o plano fixo de imanência em que se produzem os agenciamentos maquínicos. Ela nos habilita a homologar os pontos de consistência, que se formam virtualmente nas intercessões entre as linhas de fluxo, com os objetos e fenômenos transicionais. Em conseqüência, o que Winnicott explicou como objeto transicional, isto é, como um fenômeno de ilusão que faz a

³ Anagógico: sentido espiritual fundado no céu ou na vida eterna. (N.T.)

intermediação entre a realidade psíquica interna e a realidade externa compartilhada, pode passar a ser compreendido como agenciamentos maquínicos que vinculam virtualmente os dois planos ontológicos: o da imanência e o transcendental. Portanto, para nós é indiscutível a diferenciação que Deleuze e Guattari colocaram entre virtual, compreendido como o real não atual, e o imaginário, entendido como o representacional que se reproduz de maneira significativa na imagem do fantasma.

Tal como temos visto, esta articulação se sustenta, tanto em Winnicott como em Deleuze e Guattari, no interesse existencial comum de colocar suas análises dentro do campo de transitividade em que acontece a produção de signos, indícios ou traços fenomênicos. Constituindo, assim, o que podemos nomear como o campo analítico de uma semiótica pragmática.

Como se expressa esta ideia transversal nos ensinamentos do psicanalista inglês? Através da sua colocação de um estado de fusão entre as fantasias e as percepções, da qual adverte que nunca desaparece por completo da vida anímica, expandindo-se na cultura e intervindo nos vínculos grupais. Portanto, na ilusão não se apresenta o caráter principal do simbolismo (fantasmático), isto é, a diferenciação-mediação entre o símbolo (objeto interno) e o simbolizado (objeto externo) mas, ao contrário, a qualidade de literalidade e o caráter imediato próprio de objetos e fenômenos que são criados a partir de uma operação virtual de transubstanciação entre planos que somente de forma secundária e representacionalmente poderão ser diferenciados (Winnicott, 1971/2008a, p. 13, 27-30, 32-33).

Como vimos, no par de filósofos franceses essa ideia é dominante na sua vontade de indagar sobre o molecular, o assubjetivo ou assignificante, isto é, na busca de intensidade pura que, no seu devir diverso se cruzam no meio do plano de imanência, produzindo consistência a partir de nexos rizomáticos que estão em constante recomposição, afetando assim a forma e a continuidade dos sistemas subjetivos (Deleuze & Guattari, 1980/2006, p. 17).

Nesta ordem de ideias, ler o achado clínico do transicional em clave conceitual rizomática nos permite então entender nossos sujeitos de estudo como fenômenos singulares que se produzem de maneira vincular ou compositiva. Também quer dizer que tal produção se dá no meio de um mesmo plano de experiência, no qual operam elos semióticos de natureza heterogênea e em que nenhuma parte da composição tem predominância sobre as demais, já que o valor de cada uma consiste precisamente na capacidade de agenciamento, isto é, na sua propriedade transitiva.

Como produto do trabalho transdisciplinar que temos desenvolvido dentro do campo psicossocial, se depreende a seguinte tese ontológica:

No meio da heterogeneidade de segmentos semióticos-pragmáticos que compõem um plano de imanência ou zona intermédia, o movimento difuso do real gera atravessamentos entre ditas partes e, com eles, fenômenos transicionais que se tornam virtualmente consistentes, sob a forma dos objetos transicionais. Ativando continuamente, esse movimento, o processo de produção de uma subjetividade nômade, aberta, acentrada e mutante (tanto em termos do *self* como dos sistemas sociais) que está em constante afetação por seus múltiplos nexos com o fora.

Uma escrita rizomática do transicional

Finalmente, veremos como se podem operacionalizar os princípios epistemológicos propostos pelo par de pensadores franceses em “Rizoma” (1980/2006), na hora de fazer um uso legítimo ou não transcendente da descoberta winnicottiana do transicional.

O princípio de heterogeneidade se joga na transversalidade entre o material, o emocional e o significante, na produção transitiva de signos. Neste sentido, sabemos que Winnicott concedeu importância ao pragmático, além do semântico, no processo de construção vincular do indivíduo, em tanto que singularidade múltipla. Nesta medida, podemos dizer que o transicional congrega atos muito diversos, dentro dos que se encontram os lingüísticos, mas também os perceptivos, motrizes, afetivos, mímicos, gestuais, imaginativos, cogitativos, entre outros possíveis.

De forma análoga, além de conceder valor à função dos objetos primários dentro do grupo familiar, nos seus estudos sobre o social é possível extrair a compreensão da função angular das instituições culturais, políticas, econômicas e educativas, tanto na sua dimensão objetiva como subjetiva, na conformação do *self* (Winnicott, 1950/2011d, 1969/2011e). O qual nos permite entender como na ideia do transicional opera o princípio de multiplicidade. Não obstante, para aplicá-lo de forma integral ao pensamento winnicottiano é necessário depurar os traços do clássico familiarismo psicanalítico, ainda presentes no seu ensino. Para tal, resulta útil elaborar uma “geopolítica da moral” (Deleuze & Guattari, 1980/2006, p. 19), com o fim de compreender como sua concepção materialista-dialética do lar em meio a um ambiente pode levar a entender que “as pulsões e os objetos parciais não são nem estágios no eixo genético, nem posições numa estrutura profunda”, mas “opções políticas para

problemas” reais, isto é, são “entradas e saídas, ruelas sem saída que a criança vive politicamente” ou em torno do poder, e “com toda a força do seu desejo” (Deleuze & Guattari, 1980/2006, p. 18).

O profundo interesse pela experiência, isto é, pelo que acontece na imanência das emoções e não tanto na transcendência das representações, permitiu a Winnicott captar a importância do jogar e do criar, tanto no nível mental como cultural. De maneira semelhante a como em Deleuze e Guattari podemos ler a importância da plasticidade libidinal na sua recorrente referência ao movimento, o que lhes permitiu afirmar que “o desejo sempre se produz e se move rizomaticamente” (1980/2006, p. 19).

De forma análoga, foi a ênfase no ambiental, esta constante referência ao fora do mundo subjetivo, ao que acontece na experiência, o que desviou o psicanalista inglês da tradicional compreensão solipsista do desenvolvimento psíquico e o conduziu a colocar uma compreensão vincular, na qual se joga o princípio de conexão proposto pelos filósofos franceses.

O princípio de ruptura significativa opera no modelo transitivo winnicottiano na medida em que remete a uma proposta ético-política de enfoque perspectivista, descentrada dos valores absolutos e universais da moral. Ideia que se apresenta acertadamente em sua tese de “Nada no centro” (1959/2009b), isto é, na renúncia à compreensão da construção da singularidade e das formações sociais a partir de uma teoria da subjetivação, baseada exclusivamente na falta e na repressão. No seu ensinamento – geralmente comunicado através de uma linguagem natural para profissionais psicossociais não psicanalistas e pessoas comuns (Kahr, 1996/1999) – podemos estabelecer um pensamento clínico-teórico que enfatiza a afirmação existencial do ser e sua inerente capacidade de criação itinerante, tanto de si mesmo como do meio constituído, no qual o indivíduo está inserido e do qual é um elemento constituinte ativo.

No enfoque pragmático dos seus objetos de estudo, vemos Winnicott compondo mapas com base nos seus casos, os que por consequência o levaram a construir uma potente proposta conceitual que permite produzir pensamento a partir da experiência clínica direta. Em conformidade com esta premissa, temos escolhido neste escrito recortar e extrair aquilo que nos ensinamentos do psicanalista inglês opera como mapa (princípio de cartografia): sua ideia essencial do transicional, sobre aquilo que faz as vezes de cópia ou reprodução de algum corpo doutrinal (princípio de decalque), como por exemplo se manifesta no traço genealógico e estruturalista de sua teoria. O qual,

suspeitamos, é reflexo das fortes implicações emocionais com suas instituições de formação profissional, como a pediatria, a psiquiatria e a psicanálise (Kahr, 1996/1999).

Em conseqüência com todo o afirmado, finalizamos este escrito lembrando que para levar a cabo a construção de um modelo clínico-teórico de análise de fenômenos psicossociais, que seja produto do agenciamento epistemológico entre os três pensadores estudados, é indispensável ter presente que o *esquizo* remete à natureza pré-primária ou originária do *transicional*. Razão pela qual, para dar conta da multiplicidade de máquinas que compõem virtualmente este espaço fragmentário e indiferenciado, é necessário distribuir em um plano de exterioridade de todos os planaltos que conformam o recorte de um determinado sujeito de estudo, plasmando em uma única página ou “em uma mesma praia: acontecimentos vividos, determinações históricas, conceitos pensados, indivíduos, grupos e formações sociais” (Deleuze & Guattari, 1980/2006, pp. 14-15).

Referências bibliográficas

BERGSON, H. (2007). *La evolución creadora*. Buenos Aires: Cactus. (Original publicado em 1907)

DELEUZE, G. (2012). Spinoza y nosotros. In G. DELEUZE. *Spinoza: filosofía práctica* (pp. 149-158). Buenos Aires: Tusquets Editores. (Original publicado em 1984)

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (2006). Rizoma. In G. DELEUZE & F. GUATTARI, *El anti-Edipo: Mil Mesetas* (tomo II, pp. 9-32). Valencia: Pre-Textos. (Original publicado em 1980)

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (2010). *El anti-Edipo: Capitalismo y esquizofrenia* (tomo I). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1972)

DOSSE, F. (2009). *Gilles Deleuze y Félix Guattari. Biografía cruzada*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. (Original publicado em 2007)

GUATTARI, F. (1996). *Las tres ecologías*. Valencia: Pre-Textos. (Original publicado em 1989)

KAHR, B. (1999). *Donald Woods Winnicott. Retrato y biografía*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Original publicado em 1996)

SPINOZA, B. (1980). *Ética demostrada según el orden geométrico*. Madrid: Ediciones Orbis. (Original publicado em 1677)

WINNICOTT, D. (2008a). *La Realidad y el Jugar*. Barcelona: Gedisa. (Original publicado em 1971)

- _____. (2008b). Objetos transicionales y fenómenos transicionales. In D. _____.
- _____. (1971/2008a) *La Realidad y el Juego* (pp. 17-45). Barcelona: Gedisa. (Original publicado em 1951)
- _____. (2009a). *Exploraciones psicoanalíticas I e II*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1989)
- _____. (2009b). Nada en el centro. In D. WINNICOTT. *Exploraciones psicoanalíticas I e II* (pp. 68-71). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1959)
- _____. (2009c). Bases del self en el cuerpo. In D. WINNICOTT. *Exploraciones psicoanalíticas I e II* (pp. 311- 322). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1970)
- _____. (2009d). Otros dos ejemplos clínicos. In D. WINNICOTT. *Exploraciones psicoanalíticas I e II* (pp. 323- 335). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1970)
- Winnicott, D. (2011a). Deprivación y delincuencia (C. Winnicott, Comp.). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1984)
- _____. (2011b). La ausencia de un sentimiento de culpa. In D. WINNICOTT. *Deprivación y delincuencia* (C. Winnicott, Comp., pp. 128-135). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1966)
- _____. (2011c). *El hogar, nuestro punto de partida. Ensayos de un psicoanalista*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1986)
- _____. (2011d). Algunas reflexiones sobre el significado de la palabra “democracia”. In D. WINNICOTT. *El hogar, nuestro punto de partida. Ensayos de un psicoanalista* (pp. 275-299). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1950)
- _____. (2011e). Libertad. In D. WINNICOTT. *El hogar, nuestro punto de partida. Ensayos de un psicoanalista* (pp. 263-274). Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1969)

Recebido em: 21/10/2017

Aprovado em: 24/03/2018